

As potencialidades didácticas da obra de Marcial

João Manuel Nunes Torrão

Universidade de Aveiro

Uma das preocupações fundamentais dos professores das Línguas Clássicas no Ensino Secundário (se excluirmos aqueles que se limitam (?...) a seguir o manual adoptado, por mais problemático que ele seja) deve ser a selecção de textos para a leccionação dos diversos conteúdos que constam dos programas oficiais.

Como é sabido, tem-se mantido, ao longo dos tempos, uma aparente polémica entre os defensores da utilização exclusiva dos chamados textos autênticos e os que advogam o uso de dos denominados textos ‘fabricados. Como é óbvio, estou a simplificar esta questão dado que esta aparente polémica, como propositadamente lhe chamei, acaba por ter um leque de intervenientes muito grande com as posições a ficarem espalhadas por uma escala que quase vai de uma ponta à outra. De facto, se é verdade que nunca encontrei ninguém a defender o uso exclusivo ou quase exclusivo de textos ‘fabricados’, as restantes posições desta escala são mais ou menos detectáveis se não em termos de tomada de posição escrita, pelo menos na prática lectiva de muitos professores. Além disso, deveremos ainda acrescentar os que defendem a utilização de textos autênticos, mas adaptados.

Esta zona de alguma conflitualidade acabou até por ter repercussões e ser fecunda ao nível da publicação de livros destinados ao ensino das Línguas Clássicas. Na verdade, quase todos nos lembraremos de dois livros do meu saudoso amigo Carlos Alberto Louro Fonseca¹ em que é concedido um espaço muito significativo a textos criados por ele próprio quer em Latim quer em Grego, mas também teremos presente um livro da nossa colega e amiga Cristina Pimentel² — *Religandum* — em que há a clara intenção de mostrar que é possível (pelo menos) ensinar Latim através da utilização exclusiva de textos autênticos.

Recordo-me até de um congresso de estudos clássicos na minha universidade em que, a propósito da utilização de um texto ‘fabricado’, o saudoso amigo Fernando Lemos, recentemente

¹ Carlos Alberto Louro Fonseca, *Sic itur in Urbem*. Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos [múltiplas edições] e Carlos Alberto Louro Fonseca, *Iniciação ao Grego*. Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos [múltiplas edições].

² Cristina de Sousa Pimentel, *Religandum*. Lisboa, Revista *Classica*, 1989.

falecido, com palavras de alguma dureza, interpelou uma das conferencistas sobre este mesmo assunto defendendo sem ambiguidades a utilização exclusiva de textos autênticos.

Tive oportunidade de recordar este episódio, em Julho passado, aquando da minha intervenção como arguente nas provas de agregação que realizou e que terão constituído um dos seus últimos actos académicos. E essa recordação surgiu porque, agora, a posição por ele defendida já não era tão radical e abria a porta, imagine-se, à utilização de textos de Lhomond que, como se sabe, era um dos autores que, habitualmente, servia de modelo para a rejeição.

No meu caso pessoal, tenho feito um percurso didáctico exactamente ao contrário, isto é, aceitei (e ainda aceito) a utilização de textos ‘fabricados’, mas — não tenho problema nenhum em o dizer — cada vez recomendo mais a utilização de textos autênticos.

Confesso, porém, que esta polémica nunca me deixou muito preocupado (por isso, disse, há pouco, que se tratava de uma ‘aparente polémica’): é que, na minha concepção didáctica, o mais importante não é saber se o texto que utilizamos é autêntico ou ‘fabricado’, mas antes verificar se o Latim ou o Grego desse texto é correcto e límpido. Este sim é para mim o ponto fundamental e não me tenho cansado de o repetir, ao longo dos anos, às várias centenas de alunos — saudosos tempos de vacas gordas — que já frequentaram as minhas aulas de Didáctica das Línguas Clássicas. De facto, (tenho em mente um caso concreto de alguém que defende uma posição intermédia) de que vale, por exemplo, utilizar textos autênticos de Cícero se, quando se fazem adaptações para eliminar aparentes dificuldades, se torna o texto completamente incompreensível em termos sintácticos? ou, pensando apenas em termos didácticos, de que vale utilizar um texto autêntico se os alunos não conseguem compreender nada do que lá está dado o grau de dificuldade existente?

Vem tudo isto a propósito dos textos que, como é cada vez mais evidente, têm de ser o ponto de partida e de chegada de todas as nossas aulas de Latim e de Grego (felizmente, já lá vai o tempo em que os programas quase dividiam os conteúdos em dois blocos distintos: de uma lado a língua e do outro a civilização, o que dava origem, em alguns casos, a aulas consecutivas de história romana.

Ora, entre os autores que nos proporcionam textos autênticos (e dos bons) encontra-se Marco Valério Marcial, que também tem andado ao sabor das ondas no que aos programas oficiais diz respeito: ora consta como parte integrante ora, por razões que se desconhecem, como que se eclipsa quase sem deixar rasto.

Ao defender a utilização deste autor, sou (confesso-o) algo suspeito, dado que se trata de um autor da minha especial predilecção. No entanto, vou tentar demonstrar que há razões objectivas para a sua potencial utilização ao longo do ensino secundário.

A selecção dos textos a utilizar nas aulas deverá obedecer, em minha opinião, a vários parâmetros. Assim, há textos que deverão ser seleccionados porque pertencem ao autor e à obra constantes do programa; outros deverão ser escolhidos porque nos possibilitam uma boa leccionação de um ou mais conteúdos gramaticais; outros ainda permitem ilustrar, quer como ponto de partida quer como ponto de chegada, um ou outro tópico cultural; além disso, convém valorizar também os textos que nos permitem detectar, de forma mais ou menos forte, a continuidade da cultura clássica (*lato sensu*) nas culturas ocidentais, nomeadamente na cultura portuguesa. Acresce ainda que, na selecção de textos, deverá estar sempre presente a motivação que eles poderão (e deverão) trazer aos alunos.

Ora, ao falar da motivação talvez convenha esclarecer o que pretendo dizer para não criar eventuais confusões. Para mim, a motivação só faz sentido se levar à aprendizagem, não tendo qualquer valor aquilo que costumo designar por ‘motivação para a motivação’. De facto, utilizar textos interessantes ou engraçados, imagens bonitas e cativantes ou filmes actuais nas aulas de Latim ou de Grego só terá valor se isso despertar o interesse dos alunos para a aprendizagem, se os levar ao desejo de aprenderem cada vez mais e melhor. Além disso, considero que a motivação não é apanágio apenas das primeiras semanas de aulas; defendo, pelo contrário, que a motivação (e estou a pensar no docente e nos discentes) deve ser permanente, embora, naturalmente, com os meios e instrumentos adequados aos alunos concretos que temos na sala de aula, às situações específicas que cada turma vai vivendo ao longo de todo o seu processo educativo e ao evoluir das situações de aprendizagem que vão sendo concretizadas.

Como é óbvio, nem todos os textos despertam, em todas as circunstâncias, o mesmo interesse e, conseqüentemente, nem todos podem motivar da mesma maneira. Assim, dentro dos limites da liberdade que os programas têm, obrigatoriamente, de conceder a cada docente, é necessário fazer escolhas acertadas na selecção dos textos a utilizar em aula. É que — convém não o esquecer — estamos a seleccionar materiais para alunos de 15, 16, 17 e 18 anos que estão a iniciar a aprendizagem do Latim e do Grego e não para jovens mais velhos, com outra maturidade e com mais conhecimentos destas línguas. Teria grande sentido, por exemplo, para este grupo etário, o *De senectute* de Cícero que até há pouco tempo constava dos programas oficiais? Não está em causa o interesse da obra nem a possibilidade de se escolherem excertos interessantes, mas, convenhamos, só o nome já chegaria para assustar a maior parte dos potenciais alunos.

Ora, a obra de Marcial tem a vantagem de preencher uma grande quantidade de requisitos que poderão potenciar a sua utilização em sala de aula. Em primeiro lugar, faz parte dos programas; depois, estamos a falar de um autor originário da Península Ibérica o que poderá dar uns pontos extra

para a motivação. Acresce que se trata de uma obra grande, mas que, apesar disso, tem algumas vantagens: é constituída por textos geralmente pequenos, com temas interessantes para o nível etário em que os queremos utilizar e, situação extraordinária nos dias que correm e vantajosa para todos, tem uma boa e recente tradução completa em português. Se acrescentarmos a isto a possibilidade bem real de utilizar os epigramas em qualquer um dos anos a leccionar, com a hipótese de podermos recorrer a eles para ilustrar praticamente todos os temas gramaticais e uma enorme quantidade de temas de cultura e se ainda tivermos em conta que muitos destes epigramas são pequenas anedotas que deixam qualquer um bem disposto, poderemos compreender que estamos perante um manancial de textos que nos permitem uma liberdade de escolha enorme e que nos possibilitam múltiplas estratégias no ensino do Latim. É óbvio que, com Marcial, teremos de ter alguma cautela na selecção de textos, não para servirmos de censores e organizarmos uma antologia parecida com as que, em outros tempos, se faziam *ad usum delphini*, mas por respeito pelo espaço lectivo e, no mínimo, para os alunos não terem dificuldade em traduzir certos textos já que alguns vocábulos não se encontram no dicionário da Porto Editora que é, de longe, o mais utilizado pelos alunos.

Mas, depois de ter em atenção estas cautelas, algum aluno ficaria indiferente a um epigrama como este:

Si quando leporem mittis mihi, Gellia, dicis:

Formosus septem, Marce, diebus eris.'

Si non derides, si uerum, lux mea, narras,

*edisti numquam, Gellia, tu leporem.*³

Se sempre que me envias uma lebre, Gélia, dizes:

‘Formoso por sete dias, Marco, tu serás.’

Se não estás a troçar, se a verdade, luz da minha alma, é como contas,

Lebre jamais comeste, Gélia, em tua vida.⁴

Como é óbvio, para além da graça contida no texto, ainda seria possível explorá-lo (sem necessidade de o trabalharmos como quem está a fazer a dissecação de um cadáver) quer ao nível das orações temporais, quer ao nível das condicionais e ainda poderíamos avançar para os numerais, para

³ Mart. 5.29. Daqui em diante, nas referências à obra de Marcial, utilizaremos, apenas, o número do livro e do epigrama.

⁴ Vamos utilizar sempre as traduções publicadas em Marcial, *Epigramas* (vol I, II, III e IV), Introdução e notas de Cristina Pimentel; traduções de Delfim Ferreira Leão, José Luís Brandão e Paulo Sérgio Ferreira (Lisboa, Edições 70, 2000 (I e II), 2001 (III) e 2004 (IV) não só porque são boas traduções mas também por comodidade nossa.

os complementos circunstanciais de tempo, para as particularidades do verbo *edo*⁵ e até, no campo lexical, para as expressões de carinho (com ou sem ironia). Tudo isto num texto pequeno que, por isso mesmo, apresenta construções sintácticas quase lineares, onde as interferências de outras construções, que dificultam a compreensão dos alunos, são, praticamente, impossíveis.

Se quiséssemos continuar na senda dos epigramas com alguma piada (que servem para qualquer aula, mas são ideais para momentos de maior cansaço ou para aulas em horas do dia menos adequadas), teríamos muito por onde escolher. Eis alguns a título de exemplo:

*Nubere Paula cupit nobis, ego ducere Paulam
nolo: anus est. Vellem, si magis esset anus.*⁶

Casar comigo é o que Paula quer; eu, casar com Paula,
nem pensar: é velha. Queria — fosse ela mais velha.

Neste caso, poderíamos trabalhar as diferentes expressões lexicais em latim para ‘casar’, e poderíamos, além disso, explorar, entre outros assuntos, o verbo *uelle* e seus compostos, os valores do conjuntivo e o uso do infinitivo.

*Nuper erat medicus, nunc est uispillo Diaulus;
quod uispillo facit, fecerat et medicus.*⁷

Ainda há pouco Diaulo era médico, agora é cangalheiro:
o que faz o cangalheiro, já o tinha feito o médico.

Este epigrama, sem qualquer complicação sintáctica, permitir-nos-ia rever o verbo *esse* e o verbo *facere*, podendo levar-nos também, se assim o entendêssemos, à passiva deste último verbo. Permitir-nos-ia ainda passar para a literatura portuguesa e explorar um conjunto significativo de textos de Bocage que têm como temática a sátira aos médicos⁸.

⁵ A propósito deste verbo, poderíamos derivar para uma expressão muito corrente em termos humorísticos — *Mater tua mala burra est* — que, na sua aparente ambiguidade, nos daria mais uns pontos ao nível da motivação, mas também nos permitiria ‘demonstrar’ uma das formas particulares do verbo *edo* e explorar o adjectivo *burrus*, *a*, *um*, aproximando-o da expressão portuguesa ‘tijolo burro’ que indica um tipo de tijolo compacto e vermelho por ser muito bem cozido. Seria ainda possível explorar a forma *mala* através das diversas possibilidades que nos oferece para o enriquecimento lexical dos alunos.

⁶ 10.8

⁷ 1.47

⁸ Cf. Manuel Maria Barboza du Bocage, *Opera Omnia*. Direcção de Hernâni Cidade, nomeadamente o Volume IV — *Poesia anacreôntica; poesia sobre mote; poesia epigramática; apólogos ou fábulas morais; vária* — preparação do texto e notas de António Salgado Júnior. Lisboa, Livraria Bertrand, MCMLXXII. Tenha-se particular atenção à maioria dos textos apresentados sob o título *Poesia Epigramática*, apresentado entre a página 125 e a página 171.

*Nunquam se cenasse domi Philo iurat, et hoc est;
non cenat, quotiens nemo uocauit eum.*⁹

Que nunca jantou em casa, jura Filão; e é mesmo assim:
não janta, sempre que ninguém o convida.

Neste caso, para além de pronomes e advérbios, poderíamos rever o infinitivo perfeito e o locativo, por exemplo.

Mas poderíamos optar também por textos que nos permitissem derivar para aproximações quer à literatura quer à cultura portuguesas. E, entre muitos outros possíveis, escolhemos os seguintes:

*Coniugis audisset fatum cum Porcia Bruti
et subtracta sibi quaereret arma dolor,
'nondum scitis' ait 'mortem non posse negari?
credideram fatis hoc docuisse patrem.'
Dixit et ardentis auido bibit ore fauillas.
I nunc et ferrum, turba molesta, nega!*¹⁰

Ouviu Pórcia falar da morte de seu marido Bruto;
e a sua dor buscou as armas que lhe tinham retirado.
'Ainda não sabeis,' exclamou 'que a morte se não pode proibir?
Pensei que a sorte do meu pai vo-lo tinha ensinado.'
Disse e com a boca ávida engoliu carvões ardentes.
Anda agora, turba importuna, nega-lhe a espada.

Este texto de Marcial, para além de numerosas possibilidades ao nível da morfologia e da sintaxe, permitir-nos-ia alargar os horizontes de leitura dos nossos alunos, explorando algum paralelismo com o soneto de Camões intitulado “Como fizeste, Pórcia, tal ferida?”, onde se nota uma certa proximidade temática, embora, como é óbvio, não estejamos perante um caso de intertextualidade já que Camões terá bebido a sua inspiração em outras fontes que não Marcial:

Como fizeste, Pórcia, tal ferida?
Foi voluntária, ou foi por inocência?
— E que Amor fazer só quis experiência
se podia sofrer tirar me a vida.

— E com teu próprio sangue te convida
a não pores à vida resistência?

⁹ 5.47

¹⁰ 1.42

— Ando me acostumando à paciência,
por que o temor a morte não impida.

— Pois porque comes, logo, fogo ardente,
se a ferro te costumás? — Porque ordena
Amor que morra e pene juntamente.

E tens a dor do ferro por pequena?

— Si, que a dor costumada não se sente;
e eu não quero a morte sem a pena.

Vejamos também um outro epigrama:

*Non donem tibi cur meos libellos
Oranti totiens et exigenti,
Miraris, Theodore? Magna causa est:
Dones tu mihi ne tuos libellos.*¹¹

Porque te não ofereço os meus livrinhos,
A ti que tantas vezes mos pedes e exiges,
Ficas admirado, Teodoro? A razão é de peso:
Não vás tu oferecer-me os teus livrinhos.

Este texto permitir-nos-ia explorar, em termos gramaticais, os seguintes aspectos: orações interrogativas indirectas, participípios presentes, verbos depoentes, orações finais; utilização expressiva de pronomes pessoais.

Mais uma vez, será possível voltar a Bocage:

CORIDON

Elmano, lê-me os teus versos.

ELMANO

Melhor sorte me dê Deus!

Tremo disso.

CORIDON

E porque tremes?

ELMANO

Porque podes ler-me os teus.¹²

¹¹ Mart. 5.73.

¹² Este texto de Bocage aparece na p. 138-139 da referida edição com esta indicação: ‘Imitado de Marcial, em diálogo’.

E se quiséssemos fazer o paralelo com outro texto de Bocage, poderíamos explorar o epigrama 1.19 de Marcial:

*Si memini, fuerant tibi quattuor, Aelia, dentes:
Expulit una duos tussis et una duos.
Iam segura potes totis tussire diebus:
Nil istic quod agat tertia tussis habet.*

Se bem me lembro, Élia, tu tinhas quatro dentes:
uma tosse expulsou dois; e outra, os outros dois.
Podes agora tossir em segurança dias inteiros:
nada tem que fazer aqui uma terceira tosse.

Eis o texto de Bocage:

Se me lembro, Elia, tiveste
de belos dentes a posse:
numa tosse dois se foram,
foram-se dois noutra tosse.

Segura, noites e dias
Podes tossir a fartar,
Podes, que tosse terceira
Já não tem que le levar.¹³

E, se desejarmos vir para a actualidade, não ao nível da intertextualidade, mas antes através da exploração de temas que percorrem os tempos, poderemos ter como ponto de partida o epigrama seguinte, que nos remete para casamentos por interesse e que se insere num conjunto muito vasto de textos, de todas as épocas, sobre os casamentos e as suas vicissitudes:

*Petit Gemellus nuptias Maronillae
et cupit et instat et precatur et donat.
Adeone pulchra est? Immo foedius nil est.
Quid ergo in illa petitur et placet? Tussit.¹⁴*

‘Gemelo pede em casamento Maronila
e anda apaixonado e porfioso e suplicante e dadivoso.
É assim tão bela? Qual quê? Nada há mais feio!
Então o que é que dela quer e o que o seduz? É que ela tosse.

¹³ Cf. p. 140 da referida edição de Bocage. Este texto contém a indicação: ‘Tirado de Marcial’.

¹⁴ 1.10

Para mostrar aos alunos que este tipo de composições ainda persiste, à boa maneira de Marcial, na actualidade¹⁵, poderíamos usar os dois textos que se seguem do contista e pintor português Mário-Henrique Leiria:

Casamento

“Na riqueza e na pobreza, no melhor e no pior, até que a morte vos separe.”

Perfeitamente.

Sempre cumpri o que assinei.

Portanto estrangulei-a e fui-me embora.¹⁶

Noivado

Estendeu os braços carinhosamente e avançou, de mãos abertas e cheias de ternura.

És tu Ernesto, meu amor?

Não era. Era o Bernardo.

Isso não os impediu de terem muitos meninos e não serem felizes.

É o que faz a miopia.¹⁷

Ainda a este nível poderíamos explorar alguns textos que têm algum paralelismo com aquilo que, a nível popular, se costuma designar por cúmulo e, se estivéssemos a falar de médicos muito maus, até poderíamos imaginar um cúmulo deste género: era um médico tão mau, tão mau que o paciente, quando sonhou com ele, morreu.

É verdade: está em Marcial. Aparece, naturalmente, com uma roupagem frásica completamente diferente e com um enquadramento algo afastado da utilização que lhe daríamos hoje, mas, o que é certo, é que a ideia está lá.

Lotus nobiscum est, hilaris cenauit, et idem

inuentus mane est mortuus Andragoras.

Tam subitae mortis causam, Faustine, requiris?

*In somnis medicum uiderat Hermocraten.*¹⁸

Tomou banho connosco, alegre jantou, e mesmo assim,

de manhã, foi encontrado morto Andrágoras.

A causa de tão repentina morte, Faustino, queres sabê-la?

¹⁵ A este propósito, recordo-me de, há já algum tempo, ter assistido a parte de um programa de televisão em que intervinha o escritor Alberto Pimenta que, quase de rajada, declamou três ou quatro poemas ou de sua autoria inspirados em Marcial ou traduzidos de Marcial, como ele próprio disse, mas já não me recordo bem. Infelizmente, nunca consegui confirmar essas referências.

¹⁶ Citado da internet: http://www.vidaslusofonas.pt/mario_h_leiria.htm

¹⁷ Citado da internet: <http://www.lumiarte.com/luardeoutono/mairoleiria.html>

¹⁸ 6.53

Em sonhos vira Hermócrates, o médico.

Se quiséssemos ser um tudo nada liberais na sala de aula, poderíamos utilizar também este texto de Marcial com uma palavra de calão para mostrar que algumas das actividades que muitos consideram que são prática apenas dos nossos tempos afinal já existiam em Roma embora os seus resultados não merecessem ser reunidos em livro, como aconteceu há alguns anos entre nós¹⁹, mas só breves referências.

*Versus et breue uiuidumque carmen
in te ne faciam times, Ligurra,
et dignus cupis hoc metu uideri.
Sed frustra metuis cupisque frustra.
In tauros Libyci ruunt leones,
non sunt papilionibus molesti.
Quaeras censeo, si legi laboras,
nigri fornicis ebrium poetam,
qui carbone rudi putrique creta
scribit carmina, quae legunt cacantes.
Frons haec stigmatē non meo notanda est.*²⁰

Versos e um carne breve e acutilante
temes que eu contra ti escreva, Ligurra,
e desejas tu parecer digno de tal receio.
Mas é vão teu medo, é vão o teu desejo.
É contra os touros que os leões líbios rugem,
para as borboletas não são perigosos.
Procura, te aconselho, se queres ter o teu nome escrito,
um poeta bêbedo de uma taberna escura,
que, com o tosco carvão e o quebradiço giz,
escreve versos lidos por quem está a cagar.
Não há-de a tua frente com o meu selo ser marcada.

Entre outras potencialidades, assinale-se: vários tipos de orações completivas; as construções de *dignus* e *molesti*; a perifrástica passiva; o complemento circunstancial de meio ou instrumento.

¹⁹ Cf. Pedro Barbosa, *O guardador de retretes*. Porto, Centelha, ³1986 onde são coligidas inscrições feitas em casas de banho públicas.

²⁰ 12.61

Poderíamos estar aqui o dia inteiro a dar exemplos de textos de Marcial adequados a esta ou aquela matéria gramatical, mas não vale a pena. O que vale a pena é lermos a sua obra porque, seguramente, encontraremos textos à medida das nossas necessidades lectivas.

Permitam-me, ainda, uma breve indicação, sem qualquer pretensão de esgotar o assunto, de alguns temas culturais para os quais é possível encontrar um leque bastante variado de textos de Marcial:

1. Religião em sentido lato, incluindo, deuses, práticas religiosas, críticas aos sacerdotes²¹. Se quiséssemos poderíamos fazer aproximações com a literatura portuguesa, nomeadamente com a literatura anticlerical.

2. Os diferentes aspectos da escravatura, desde o tratamento mais cruel até ao mais humano²². Como é óbvio, este tema permitiria uma enorme liberdade de tratamento e paralelismos com outras obras quer literárias, quer televisivas (a telenovela *Escrava Isaura* actualmente em exibição, por exemplo), quer até com diversas situações actuais de escravatura.

3. Alimentação, refeições, banquetes²³. Neste tema poderíamos, entre muitas outras opções, explorar alguns textos de Petrónio e também a *Ode 2.3* de Horácio.

4. A vida diária em sociedade, incluindo todo o tipo de *ludi*, as *recitationes* e a visita às termas²⁴. Neste ponto, seria possível fazer paralelos com Séneca, nas *Cartas a Lucílio*; Plínio, Suetónio e alargar para a literatura portuguesa contemporânea, por exemplo, para o romance histórico *Um deus passeando pela brisa da tarde* de Mário de Carvalho, em que esta temática aparece com muita frequência.

5. Organização da sociedade, incluindo o casamento e o divórcio²⁵.

6. O tema do *carpe diem*²⁶. Como é óbvio, seria indispensável explorar também textos horacianos sobre esta mesma temática.

7. As mais diversas profissões²⁷.

²¹ Cf., por exemplo, 3.24.

²² Cf., por exemplo, 1.58; 2.44; 2.63; 2.66; 2.82; 3.21; 3.62; 3.94; 5.34; 6.29; 6.66; 6.71; 7.80; 8.13; 8.23; 8.75; 9.21; 9.59; 10.31; 10.80; 11.38; 11.70.

²³ Cf., por exemplo, 1.18; 1.43; 1.87; 2.37; 3.45; 3.50; 3.60; 3.82; 4.8; 5.44; 5.78; 5.79; 7.20; 7.48; 9.91; 10.48; 11.31; 11.36; 11.52.

²⁴ Cf., por exemplo, praticamente todo o livro *De spectaculis*; 1.23; 1.29; 1.38; 1.52; 1.59; 1.63; 1.66; 1.108; 1.112; 2.6; 2.7; 2.71; 2.75; 2.88; 3.17; 3.18; 3.36; 3.50; 3.51; 4.26; 4.33; 4.41; 5.20; 5.44; 6.41; 6.42; 6.48; 6.88; 7.39; 9.100; 12.70.

²⁵ Cf., por exemplo, 1.10; 1.62; 4.13; 4.75; 5.8; 5.17; 5.23; 5.25; 5.27; 5.35; 6.7; 8.12; 9.10; 10.8; 10.38.

²⁶ Cf., por exemplo, 1.15; 1.55; 2.59; 2.90; 4.54; 5.20; 5.58; 5.64; 8.44; 8.77; 10.47.

8. Amizade (seja ela verdadeira ou falsa)²⁸.

Para concluir: parece-me evidente que a obra de Marcial tem imensas potencialidades didáticas para o ensino de Latim em Portugal dado que:

apresenta textos simples, pequenos e engraçados; permite a exploração e/ou a revisão de praticamente toda a morfologia e toda a sintaxe; possibilita o tratamento de muitos temas de cultura contemplados nos programas oficiais e ainda de outros que a liberdade do professor aconselhe e deixa abertas muitas portas de aproximação à literatura e à cultura portuguesas.

Além disso, tem a vantagem de ter toda a obra disponível na internet²⁹ e de haver uma muito boa e recente tradução em português.

Espero, pois, que seja cada vez maior o número de professores de Latim que de uma forma mais intensiva ou mais esporádica utilizem nas suas aulas epigramas do poeta de BÍLBILIS.

²⁷ Cf., por exemplo, 1.30; 1.47; 2.17; 3.16; 3.57; 5.9; 5.56; 6.35; 6.53; 7.83; 8.74; 9.77; 10.56; 14.222.

²⁸ Cf., por exemplo, 2.5; 3.41; 6.52; 8.18; 9.52; 12.25; 12.34.

²⁹ Veja-se, por exemplo, este endereço: <http://www.thelatinlibrary.com/martial.html>.